

Seguindo em frente

A saga do nutricionista

Qualquer programa de formulação/avaliação de rações necessita ser abastecido com dados corretos sobre o tipo de animal, condições ambientais e características dos alimentos a serem utilizados na dieta. Com relação aos concentrados, tudo bem, mas e os volumosos?

Uma vez cheguei para a primeira visita a uma fazenda que havia solicitado meus serviços para avaliar e propor mudanças no manejo alimentar do rebanho. Sempre tive o hábito de percorrer a fazenda com uma prancheta, fazendo anotações sobre os diferentes setores, inclusive sobre os que não têm relação direta com a alimentação, mas que podem afetar o desempenho dos animais, como a rotina de ordenha, por exemplo. Nesse dia, o gerente me acompanhou, procurando esclarecer as minhas dúvidas. Era um sistema de produção em confinamento, que utilizava algumas áreas de pastagem como fonte de forragem fresca. Em uma dessas áreas, observei que o pasto estava viçoso, mas me pareceu alto demais. O gerente me disse que se tratava da melhor área de forragem da fazenda. Perguntei se ele tinha algum resultado de análise bromatológica da forragem, e ele me respondeu: “E precisa?” Devolvi outra pergunta: “Você acha que não é necessário?” A réplica foi imediata: “Doutor (com uma ênfase emblemática nesse Doutor), e eu lá preciso de análise pra saber que esse pasto maravilhoso é de excelente qualidade?”

Fiz algumas perguntas: quanto ele imaginava que seriam os teores de FDN, proteína e lignina da forragem, quando aquela área tinha sido cortada pela última vez, qual era a rotina de adubações? etc., tentando captar informações e quem sabe fazer o cidadão se dar conta de que não basta o capim estar bonito para termos idéia de sua qualidade. Mas ele acabou me convencendo de que o pasto era de boa qualidade.

Terminada a visita, juntei as informações coletadas para montar um quadro da situação e fazer as recomendações. No geral, a fazenda não tinha muitos problemas, o manejo era cuidadoso, as instalações adequadas, vacas de alto padrão. No entanto, o proprietário não estava satisfeito com o balanço financeiro. Sua principal queixa era a baixa produtividade do rebanho. “As vacas comiam demais pelo que produziam.” A produção média estava em torno de 24 kg/vaca/dia, mas visualmente as vacas tinham potencial para produzir mais. Quando avalei o manejo alimentar, algumas questões surgiram. O tal pasto maravilhoso me deu uma dor de cabeça daquelas. Seguindo a planilha



Alexandre M. Pedroso
Eng. Agrônomo –
Pesquisador do
Depto. de Zootecnia
da ESALQ/USP



Informações precisas são fundamentais para o nosso trabalho, que afeta diretamente a vida e o bolso dos produtores de leite”.

de trato, a forragem fresca picada (o pasto maravilhoso) era fornecida à base de 13 kg por vaca, o que correspondia a 15% do trato total. Não é pouca coisa, considerando-se que a silagem de milho era incluída à base de 20 kg por vaca. Além disso, mais 10 kg de concentrado, contendo diferentes alimentos.

Como o pasto era de “excelente qualidade”, considerei essa possibilidade, sem levantar dúvidas. Santa inocência... Como escrevi acima, os programas que utilizamos para formular as dietas necessitam de informações corretas sobre os alimentos para nos darem respostas precisas. Com relação aos alimentos concentrados, não há grandes problemas, a composição não varia tanto, mas no caso dos volumosos é outra história. Confiando na informação do gerente, escolhi na biblioteca do programa uma forragem de qualidade elevada, e montei uma ração. Propus uma solução para alcançar pelo menos 30 kg/leite/dia. Pelo que eu tinha visto na fazenda, era perfeitamente possível.

Enviei a recomendação para o cliente, e combinei de voltar depois de 3 semanas para avaliação. Confiante, disse a ele que com a nova formulação a produção deveria aumentar. Depois de 15 dias ele me ligou, aborrecido, pois a produção não tinha melhorado. Voltei ao computador pra conferir a formulação. Estava tudo certo. E agora, José?

A fazenda não tinha nenhuma limitação com relação ao manejo e conforto dos animais; eram necessários apenas alguns ajustes, mas nada que compromettesse o desempenho dos animais. O que poderia estar errado? Pensei, pensei e me lembrei do óbvio. Eu tinha confiado na informação do gerente sobre a qualidade da forragem. Fiz uma simulação, considerando uma forragem de pior qualidade. O resultado da simulação indicou o nível de produção observado na fazenda, bem abaixo do que eu esperava, considerando-se uma forragem de boa qualidade.

Reduzi a inclusão da forragem para metade da quantidade original, ajustei a dieta e enviei ao cliente. Pra minha sorte, depois de uns 10 dias a produção melhorou, e o cliente ficou satisfeito. Ai solicitei uma análise bromatológica do capim e das silagens. Quando chegou o laudo, descobri que o pasto maravilhoso na verdade era bem ruim. Apesar de verde e viçoso, estava passado, com muita fibra e pouca proteína.

Essa situação é comum no dia-a-dia dos nutricionistas. Informações precisas são fundamentais para o nosso trabalho, que afeta diretamente a vida e o bolso dos produtores de leite. ■